

A CONSCIENTE NEGLIGÊNCIA DO CORPO

por

Alice Valente Alves*

Resumo: É o corpo com o pensamento e a alma que define a representação da nossa existência sem qualquer oposição na incontestável interpretação do incorpóreo e que racionalmente não podemos reconhecer nem testemunhar. O corpo define-se pela sua fisiologia, que o mantém vivo e activo, no entanto o corpo está dependente da anima.

Um corpo é efémero e de vida passageira, ainda assim, podendo-se projectar em outras realidades, uma vez que o que fica de nós ou do nosso corpo é tão-somente o resultado do pensamento...

De certa forma deveríamos admitir que o Homem em seu aperfeiçoamento civilizacional se tornaria mais cerebral e menos substrato físico, mais pensamento do que corpóreo, mais inteligência do que esperteza, mais intelectual do que simples dependência da sua fisiologia... Pois mas não está a acontecer esta evolução na maior parte da Humanidade, está assim com uma maior tendência para um aproveitamento fugaz do dia a dia do que para a evolução das ideias, está assim, a abandonar o pensamento numa *consciente negligência do corpo*.

Palavras-chave: Cultura; corpo; valores.

Abstract: It is the body with thought and soul that defines our existence' representation, with no opposition from the unquestionable interpretation of the incorporeal, without which we are not able nor of recognition nor of witnessing. The body is defined by its physiology, which keeps it alive and active, and, notwithstanding, it depends from the anima.

Despite being ephemeral and short lived, the body can project itself towards other realities, since what will remain from us and from our body, it is only a consequence from our thought.

Somehow we should be able to accept that mankind, over its civilizational enhanceent, would become more cerebral and less of a physical outcome, more thought than corporeality, more intelligence that cleverness, more intellect than merely depending from its physiology. However, this is not the case for the most of humankind and the trend evidences a fleeting enjoyment of everyday matters and therefore, in detriment of an evolution of the ideas, it is shifting away from a conscious negligence of the body.

Key-words: Culture; body; values.

Todo o meu trabalho da “IMAGEM” nos domínios da Poesia, da Pintura e da Fotografia, que estou a desenvolver e a realizar através de projectos autorais, deve-se à minha enorme preocupação com a importância do *corpo, corpo* que está presente em todos os meus projectos, mas existe um que gostaria de vos dar a conhecer, é

* alicevalente@sapo.pt · www.e-cultura.pt

o *CORPOtraçoCORPO – a poesia e a pintura*. Projecto iniciado no ano de 2003 e estando prevista a sua conclusão para o ano de 2008.

CORPOtraçoCORPO é a comunhão da exposição de imagens poéticas – CORPO vivo com as minhas imagens pictóricas – CORPO ficcionado.

a pintura – é compreendida com 9 obras em díptico para cada uma das 9 cores, com o formato de 130x81cm e são apresentadas na verticalidade ou na horizontalidade,

a poesia – surge na conceptual relação da importância da palavra com o pictórico, presente no título das obras e em que irá corresponder a cada obra em seu título, um poema com o mesmo título.

Já expostas 6 das 9 cores: o *vermelho*, o *castanho-terra*, o *água-azul-céu* (designação do azul-água e do azul-céu), duas cores conjuntas apresentados na horizontalidade e o *laranja-lima* (designação da cor da laranja e da cor do limão), duas cores igualmente conjuntas, mas apresentadas na verticalidade...

seguir-se-lhe-á depois o *verde*... o *verde-oliva*...

... e será a *cor tom de pele*, que encerrará o ciclo das 9 cores.

9 cores x 9 obras = CORPOtraçoCORPO = 81 obras com 81 poemas

Após as séries de exposições, está previsto uma exposição final com todas as obras aquando do lançamento do *livro* com o mesmo nome do projecto contendo 81 poemas e ilustrados com as 81 obras e em que a cada obra em seu título irá corresponder um poema com o mesmo título.

O *traço* deste projecto apresenta-se na poesia através da palavra e na pintura através da cor, em que representa o equilíbrio ou a harmonia, o que vem entre um e outro... o outro que pode ser o nosso próprio outro ou o outro propriamente dito, em conhecimento ou desconhecimento, depende de como o utilizamos no seu total sentir e pensar sem o aniquilar, numa atenção redobrada dos recursos e potencialidades que possui.

O *nove* presente no traço da cor e no traço da palavra, surge como o novo, o último dos números, representa assim o nascer, o cuidar beneficentemente do ressurgir, em criatividade, o seguinte, o próximo, que virá em sua contemporaneidade, numa antevisão com prazer do que irá ser conhecido ética e esteticamente, no antes do todo em seu próprio desconhecimento...

(...) O projecto (work in progress) de Alice Valente parte ele também da vivência da cor, mas dum modo não limitado a uma experiência social e humana no tempo. Não me parece sequer que haja uma técnica que se estende a todas as cores escolhidas e representadas; julgo que se pode dizer que cada uma delas resulta (resultou) de sensações e sentimentos que conduzem à cor, e esta à forma e à textura. Comum a todas elas é talvez o predomínio do orgânico, não exactamente como forma de um conteúdo (pois os conteúdos formalizados nunca serviram outra coisa senão as diversas técnicas), mas como padrão. E porque neste

projecto a própria escolha das cores (vermelho, castanho-terra, cor de pele, agridoce do laranja-lima) assim está orientada.

(...) CORPOtraçoCORPO, apesar desta aparente simplicidade (que se calhar é só minha), tem múltiplos sentidos. É Cor, Corpo, Texto/Textura, e outras relações combinatórias e derivadas, que cada um é livre de realizar. Nas realizações que assim forem feitas encontrará o embate luz-sombra que, segundo Goethe, é a origem de todas as cores (“Os olhos não vêem formas, mas luz transporta em cor”).

São nove as fases deste projecto, onde “nove”, tal como na Vita Nuova de Dante, se associa ao “novo”, por paronomásia. Ao fim de dois terços do projecto, creio que já estamos em condições de considerar que ele é uma forma magnífica de responder ao desiderato de Raoul Dufy: “Precisamos na pintura de algo mais do que apenas a satisfação de ver”.

Alberto Pimenta (Poeta, Ensaísta e Professor)

O corpo define-se pela sua fisiologia, que o mantém vivo e activo, no entanto o corpo está dependente da alma e em seus desejos converte-se em ser com vida. A vida é feita de um corpo em seu todo no Sentir e no Pensar! No Sentir reagimos e actuamos corporalmente, mas no Pensar é que está a fórmula (ou traço) para nos distinguirmos dos animais.

Um corpo é efémero e de vida passageira, ainda assim, podendo-se projectar em outras realidades, uma vez que o que fica de nós ou do nosso corpo é tão-somente o resultado do pensamento.

É o corpo com o pensamento e a alma que define a representação da nossa existência sem qualquer oposição na incontestável interpretação do incorpóreo e que racionalmente não podemos reconhecer nem testemunhar.

E o Corpo sendo parte integrante da Natureza, essa Natureza com todas as suas forças que vão direccionando nossos corpos com toda a supremacia e beleza, deveríamos estar a viver beneficentemente e em harmonia em nosso ambiente natural com todos os elementos dessa mesma Natureza. Mas não está a acontecer, porque nos foi ensinado precisamente o contrário, é que temos que dominar tudo o que nos rodeia, temos de dominar tudo o que mexe. Tem sido muito bem, ou seja, muito mal ensinado, é um mal! E iremos ainda dizer e usar estas frases ditas de sagradas, como um bem, sabemos todos muito bem que já não podemos aceitar estes dogmas, estas crenças, estas doutrinas...

Cada um de nós tem um corpo. Um corpo inteiro. Um corpo inteiro, mas aparentemente inteiro, porque vivemos o corpo dividido. O corpo é assim usado de mau uso, porque dividido.

E por nos sociabilizarmos demasiado em nossa exterioridade, atraímos nosso interior, enganando-nos por uma moral que nos é exterior, a contrariarmos essa moral interior desse corpo, tido pelas religiões como maléfico, por possuir sonhos e desejos e procurar ter prazer com esses mesmos desejos e ainda é a mulher, que dá a vida, criando e cuidando que é o principal objecto desse mal.

Todos sabemos como isto é intolerável, mas permitimos, que se continue a aceitar todo este mal como um bem!

Devido aos padrões rígidos com que as civilizações têm vindo a encarar o ser e a forma como se tem vindo a desenvolver em conformidade com esse nosso passado sangrento em suas vivências de ser social... culminamos exactamente nesta prática de coabitação, manifestamente errada, embora próxima de uma realidade, e por complexa, está-se a tornar insuportável o vivenciar o corpo com a auto-flagelação, a matá-lo com vida, num castigo sempre tão eminente e presente.

E castigar o *corpo*:

- É o antecipar a morte, que sendo certa, convém também ser dominada e manipulada, a pior forma de nos pensarmos em nossos corpos, todos sabemos disso, mas é esta a realidade que tem de ser vivida e deixamo-nos expor à manipulação, ao uso de mau uso. É o jogo da vida! É mentir, é tirar, é roubar! E para se ter o que os outros têm, chega-se à finalidade do jogo e da guerra, o matar para se ter.
- Então, mas é preciso viver! Viver a não Fazer! É que a morte virá a qualquer momento e é preciso aproveitar a vida em toda a sua materialidade... Assim é viver o mais fútil e inutilmente possível, porque já não há mais nada a fazer, porque sabemos que é certo e depressa virá a extinguir-se cada uma de nossas vidas. É este o desfecho, único resultado possível para se viver, é uma das estratégias possíveis e ao alcance de todos nesta globalidade, porque já todos sabem que de nada serve alterar ou contrariar este percurso histórico e sangrento do Homem, a contrariar seus hábitos e costumes muito bem instituídos ao longo de séculos e até de civilizações. É viver a não Fazer!

E aqui continuamos nós neste castigo, nesta culpa, nesta constante adversidade com a Natureza, a querer alterar essas mesmas forças da Natureza. Estamos é sim, a maltratar a nossa natureza de seres com Sentir e com Pensar, a alterar essa parte benéfica que existe em nós, a inutilizar a alma, a matar o Ser, a apagar a aura, estamos assim a assassinar-nos conscientemente...

Somos o produto resultante desse manipular sem olhar a meios, é o consumir estragando, é o consumir usando de mau uso tudo o que nos rodeia.

É que o “consumo” quando está para além de satisfazer uma simples necessidade, tornar-se-á excesso ou demasia, é o luxo!

E todo aquele que tem para além do que é necessário, será sempre, mas sempre implícito que esse excesso ou demasia, será a escassez de outros, a pobreza!

Vivemos assim, em nossos corpos tratando-os como produtos e não como seres dotados de pensamento. Consumimos e somos consumidos, somos coisas, que podem ser usadas como luxo e como lixo. É mostrar que a vida como está a ser vivida é que é impossível, é que é a utópica. Continuamos por aqui a acreditar que está tudo mal e

deixamos que tudo piore ao ponto de nos deixarmos abandonar para não “perdermos o comboio”, o comboio do engano fácil, do sucesso, atropelando, a marginalizar todos os outros antes que sejam eles a fazê-lo a nós, é o canibalismo, é o medo, o medo de tudo! E diz-se com toda a facilidade, “com o mal dos outros posso eu bem!”, “a vida é um jogo”, “enquanto há vida, há luta!”, “querer é poder”, “a guerra é um mal necessário”, pois! E a escravidão, agora dita de mão-de-obra barata, também é um mal necessário, “o aborto é um mal necessário” e são afinal tantos os males necessários, que nos estamos a vender ao mal. E o Bem onde está? Estamo-nos a abandonar, a matar a vida, às vezes logo, logo à nascença com regras e mais regras, e leis muitas delas inconcebíveis. *Convém marginalizar, pôr de parte, é a demasia, é o abuso do uso de mau uso para o bem conveniente para os que já estão bem*, numa bebedeira constante, a embriagar a vida de alguns... é que calhará posteriormente, por ironia a todos.

E mais, “fumar mata!”, “não à droga!”... Mas, para se produzir sociedades de consumo é preciso a droga, é preciso as drogas, é preciso esquecer a vida, é preciso estar doente, bem doente, é preciso matar o corpo e os corpos, é preciso consumir todos os corpos retirando-lhes a força e a energia numa constante manipulação de um mau uso. Para se vender mais e mais é preciso direccionar esses impulsos aos anestesiados, aos manipulados, a todos aqueles que foram preparados, ensinados para serem bem usados a consumirem doentamente.

Porque o “poder” em suas culturas, a económica, a científica, a política e a religiosa criam dependências, ou seja “drogas” para fortalecer essa mesma necessidade de sermos protegidos com a dita segurança, através de inúmeras Fábricas da Morte Lenta.

E se não se é cúmplice da família, das instituições, das religiões, do amor, do ódio, da guerra, da paz, da sociedade, em suma, se não se é cúmplice de qualquer coisa que tenha a ver com “poder”, então não existimos! É que ficará em causa o trabalho, o ordenado, a família, ficará em causa a vida, e a morte será certa!... Assim há que compactuar com o “poder” das Religiões, o “poder” das Instituições, o “poder” da Sociedade, que manda, que ordena, que impõe as suas próprias regras, muitas vezes ou até vezes sem fim, pela tal dita inteligência, à margem das Leis que defendem Direitos Fundamentais do Homem, da Criança e depois dos Animais, do Ambiente, da Natureza...

Mas o “poder” jamais conseguirá ter “poder” sem a Força e o trabalho dos que não têm “poder”. Que balança tão desequilibrada! E porque é que os não têm “poder” devem sempre mais ao “poder” do que o “poder” deve aos que não têm “poder”? Uns e outros, respectivamente a ignorar ou por ignorância?!

Então porquê esta adaptação tão fácil ao “poder”? Será produto de que ciência ou de que inteligência!?

Se não se modificar esta forma de viver e de nos relacionarmos, mais conflitos, mais líderes guerreiros (políticos ou religiosos) poderão surgir e aí, a destruição poderá ser total.

Mas a vida vai dando lugar a outra ou muitas outras vidas, que nos mostram ainda pelos poucos que pensam, mas bem, no modo exemplar e digno, numa demonstração saudável e positiva, de que ainda é possível viver, com a força, numa energia ou até talvez, numa fórmula matemática que faz e desfaz tudo aquilo que é encaminhado e realizado através de pensamentos nocivos. Por isso todas as anteriores civilizações desapareceram, precisamente porque o mal se sobrepôs ao bem. É que o “poder” tenderá sempre a utilizar o mal como necessário, numa contínua, alarmante e repetitiva trajectória de má conduta, até à inevitável e esperada demolição.

Mas sabendo que tudo está assim tão mal, ainda assim conseguimos viver uns com os outros, às vezes bem mal é certo! Mas porquê?

O nosso Corpo como um Todo só será válido na sua totalidade com o Sentir e com o Pensar, quanto maior for a sua capacidade para contribuir com esse mesmo Pensar a Criar e a Cuidar... Somos assim... seres de cuidado e de atenção porque criamos a comunicar primeiro com um Corpo indivisível, através de desejos indissociáveis do intuir em pensamento e alma...

E a comunicação será tanto mais eficaz quanto as diferentes formas desse mesmo pensar da aprendizagem escolástica ou obrigatória estiverem associadas a uma livre aprendizagem, autodidacta, no intuir, numa procura constante da perfeição a preservar tudo o que nos rodeia...

O Homem é portanto, um ser de “comunicação”. E está sempre a descobrir novas formas de se comunicar. E a primeira comunicação é com ele próprio, com o seu silêncio, com a sua consciência, que não alimentada em consciência poderá com toda a má aprendizagem do que é “politicamente correcto”, do sucesso imediato, do que é fácil e passageiro, do superficial, numa satisfação imediata a enganar o corpo, a ficar limitado ao vazio, ao nada, a ficar na infelicidade, na solidão, na penumbra, na decadência, consequência da feroz guerra de querer mais e mais “poder”, a usar, a manipular, a maltratar, a hostilizar, a humilhar, a escravizar, e depois, chegou o seu fim, cumpriu com todas as regras e ensinou-as, ainda assim, lixo com ele, não presta mais, está na terceira idade, não há mais objectivos, se não fez, não vai mais fazer, morreu e ainda com vida, com muita vida, pois mas é assim!

Pois é assim, mas poderia não ser assim e se é assim, é porque permitimos que assim seja! Ora porque não alteramos tudo isto, se sabemos que está mal? Não conseguimos, é?

Conseguimos sim! E estamos a tempo e no tempo das grandes mudanças! E é com a tecnologia e a globalização, a tecnologia das comunicações, que irão seguramente ensinar-nos o que fazer, numa livre e nova aprendizagem a descobrir o corpo em consciência!

Porque a melhor comunicação passa pela igualdade da descoberta, na correspondência interventora do diálogo entre corpos, isenta de qualquer tipo de “poder”, em que em qualquer ser, de qualquer extracto social poderá conseguir

comunicar em perfeição pela afectividade e, nessa área das Humanidades é dar e receber sem regras, sem qualquer tipo de regras, os tais chamados “momentos de felicidade”. Exacto! Na felicidade não existe regras de “poder”, é dar o que o corpo tem para dar numa perfeita comunicação, e a necessidade é dar a cuidar do outro ou dos outros, sem “poder”, sem autoridade, sem imposição. E muito se fala dos melhores momentos da vida, são os mais simples, porquê? Porque se dá e recebe sem esperar nada, é o prazer de dar primeiro aliado ao desejo de se ser feliz, não existem hierarquias de “poder”, existe sim, afectos aliados à beleza de se ser num contínuo crescimento e engrandecimento do Ser.

Permanecem modelos muito rígidos para a Educação e para a Família, sendo prática comum ouvir-se dizer pelos psicólogos e psiquiatras que “a Intuição é o papel mais importante da Educação”. Sim, é uma verdade, porquê? Exactamente porque no ensinar e no aprender não há competição, porque educar não é ensinar que uns são bons e outros são maus, educar é evitar essas clivagens entre bons e maus, educar é cuidar e proteger incentivando o gosto pela aprendizagem. E porque intuir faz parte da Criação, da excelência do novo, da continuação.

Os conceitos alteram-se, é-lhes atribuído um outro significado. É especular com o “poder” de se argumentar, enganando... e já existem grandes profissões, nessas áreas inteligíveis do ensinar a mentir, do atraiçoar! É a inteligência?!

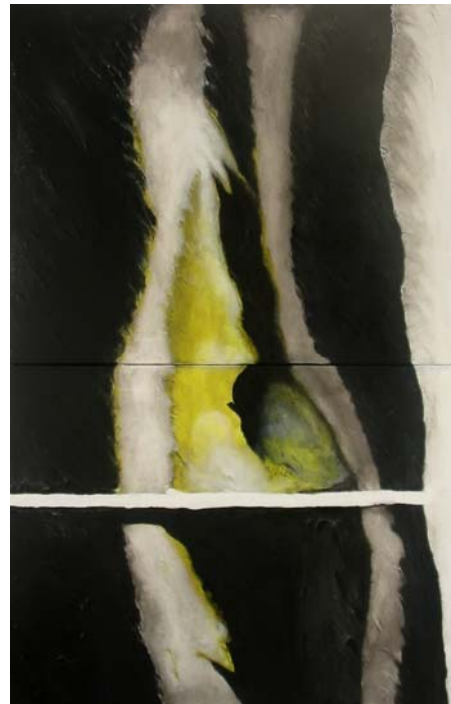
Tudo se vai confundido e alterando e até já existem dois tipos de inteligência, a inteligência propriamente dita, que é a emocional ou não, e depois a outra, a inteligência que irá dar lugar à esperteza, e muitas outras ciências surgirão utilizando a esperteza com o ressurgimento de novas aptidões na tão difícil adaptação do indivíduo hostil ao seu meio ambiente que complexamente se vão formando e formatando. É que até agora nenhuma definição de inteligência teve a aprovação de todos os que dela querem fazer um objecto de excelência. Pois, esse nome de “inteligência”, inventado pelas recentes ciências, numa tentativa de suprir o Saber, o Conhecimento e a Sabedoria.

E o que ainda nos faz estar aqui, é o cumprimento com o primeiro dos objectivos da vida, o ser a Ser, por seres que somos, de cuidado e de criação, todos aptos, mas mesmo todos aptos e capazes de conseguir, dentro de maiores ou menores limitações, a criar e a cuidar deste nosso planeta, a *terra*, como se tratasse do nosso próprio *corpo*.

Para uns é uma questão de aprendizagem simples e para outros, para além de um contínuo processo de aperfeiçoamento e aprendizagem, será também o de transmitir essa mesma aprendizagem nas suas mais variadas formas, pelo Conhecimento em Saber.

E sabendo o que o Pensar de nossas consciências tem para dizer e Fazer... a não usar esse Pensar, é deixar de Pensar!

E deixar de Pensar é negligenciar o Corpo em consciência!

**o pensar****de que credo**

*à esquerda: n°37 – «o pensar» | acrílico sobre tela | 81x130cm | 2005
«CORPOtraçoCORPO – a poesia e a pintura» | traço (cor): Laranja-Lima*

*à direita: n° 46 – «de que credo» | acrílico sobre tela | 81x130cm | 2005
«CORPOtraçoCORPO – a poesia e a pintura» | traço (cor): Laranja-Lima*

A consciente negligência do corpo



o desejar



de que vontade

*à esquerda: n°41 – «o desejar» | acrílico sobre tela | 81x130cm | 2005
«CORPOtraçoCORPO – a poesia e a pintura» | traço (cor): Laranja-Lima*

*à direita: n° 50 – «de que vontade» | acrílico sobre tela | 81x130cm | 2005
«CORPOtraçoCORPO – a poesia e a pintura» | traço (cor): Laranja-Lima*

A consciente negligência do corpo – Alice Valente Alves

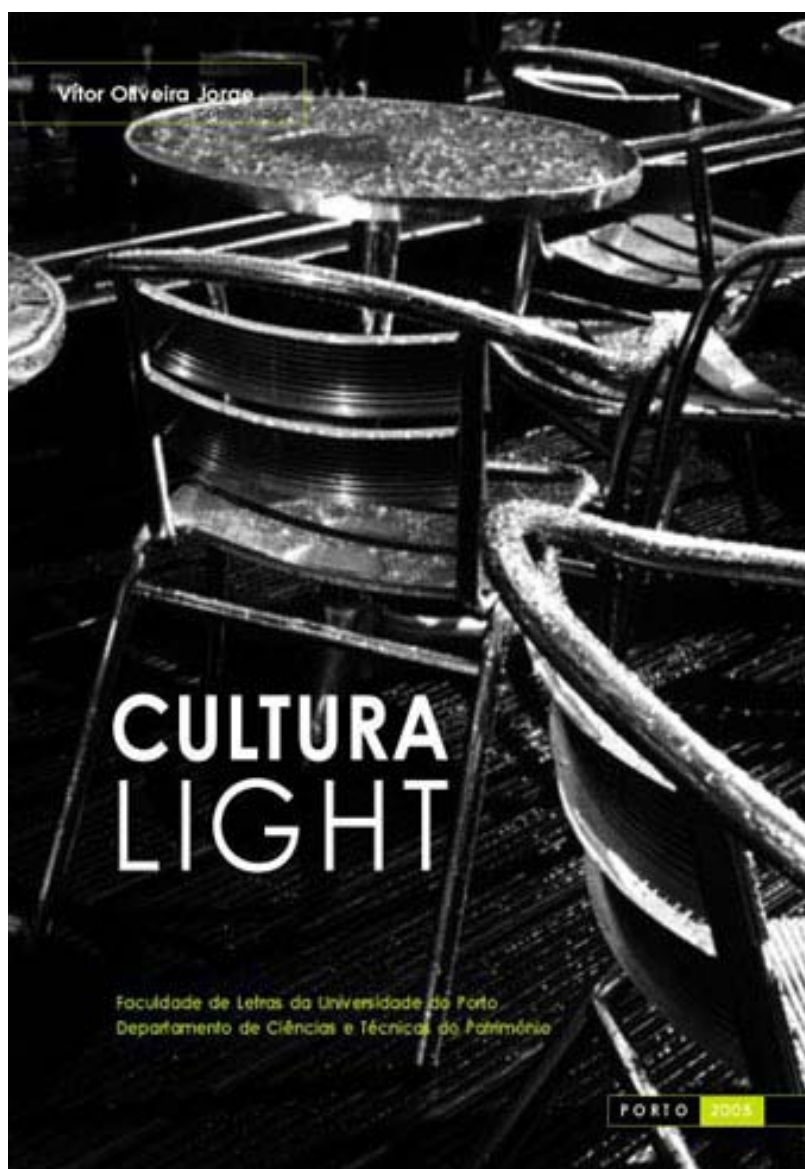
CULTURA LIGHT – *a pesada leveza dos entretenimentos que nos vendem*

Livro resultante das comunicações proferidas a 22 e 23 de Abril de 2005 na

9ª Mesa-redonda da Faculdade de Letras da

UNIVERSIDADE DO PORTO

Coordenação de [Vitor Oliveira Jorge](#)



Lançamento em Lisboa do livro «CULTURA LIGHT» a 9 de Junho de 2006
Galeria Fernando Pessoa - CENTRO NACIONAL DE CULTURA